

O bibliotecário e o barbeiro: masculinidades em atrito nos contos de Luiz Vilela

The librarian and the barber: masculinities in friction in Luiz Vilela's short stories

Luiz Carlos Simon¹

Resumo: Um dos efeitos dos recentes arranjos de gêneros, estimulados pelas reivindicações de mulheres e gays, é a investigação das masculinidades. Se, nos campos dos debates teóricos e críticos, essa discussão ganha força apenas nas duas últimas décadas do século XX, nas produções literárias os autores captam rapidamente tais transformações, adotando-as na construção dos perfis de homens. A prosa de ficção traz um desses exemplos: Luiz Vilela, cuja estreia ocorre ainda nos anos 1960. O artigo aqui proposto é um exercício de análise de dois contos publicados pelo autor em seus livros iniciais: *Tremor de terra* e *No bar*. Ambos os contos possuem narrativas em primeira pessoa, em que o narrador, também uma personagem, trava contato com outras personagens apresentadas como homossexuais. O objetivo do artigo é examinar como as narrativas exibem esses relacionamentos entre homens com diferentes sexualidades, com base em paralelos com contribuições teóricas sobre masculinidades.

Palavras-chave: Luiz Vilela; masculinidades; prosa de ficção.

Abstract: One of the effects of the recent arrangements in genders, stimulated mainly by women and gays claims, is the investigation on masculinities. If, in the fields of theoretical and critical debates, this discussion becomes stronger only on the two last decades of the twentieth century, in literary productions the authors quickly capture such changes adopting them in the construction of male profiles. The prose of fiction brings one of these examples: Luiz Vilela whose beginnings are still in the 1960s. The article hereby is a practice of analysis on two short stories published by the author in his initial books: *Tremor de terra* e *No bar*. Both short stories contain narratives in first person, in which the narrator, also a character, gets in touch with other characters presented as homosexuals. The aim of the article is to examine how the narratives exhibit these relationship between men with different sexualities, based on the theoretical contribution on masculinities.

Keywords: Luiz Vilela; fictional prose; masculinities.

Em meu percurso de estudo das relações entre as masculinidades e a literatura, após alguns anos debruçado sobre as crônicas, me deparei com o desejo de avaliar como discursos e representações dos homens se articulavam em outras formas

¹ Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: csimon@uel.br.

da prosa de ficção. Retornei ao conto, objeto da minha pesquisa de doutorado desenvolvida ainda no século XX, com focos sobre o imagético e as questões do pós-modernismo. Poderia ter recorrido, naquele primeiro momento, a algum dos contistas já estudados na tese – Caio Fernando Abreu, Roberto Drummond, Sérgio Sant’Anna ou Moacyr Scliar –, que, sem dúvida, forneceriam farto material para as análises pretendidas. Poderia também ter mantido o olhar voltado para a produção recentíssima, no caso os textos do próprio século XXI, quando o debate sobre as práticas masculinas já está em plena efervescência e suscita diversas manifestações entre os contistas contemporâneos.

No entanto, uma sensação de dívida e outras circunstâncias me conduziram para a escolha de Luiz Vilela. A dívida pode ser resumida no fato de eu não ter eleito Vilela para o elenco dos contistas da tese, mesmo sendo o autor um dos meus prediletos desde a adolescência. As demais circunstâncias estão associadas a atividades de orientação: na ocasião, em 2017, eu orientava já a terceira dissertação de mestrado sobre Vilela; a pesquisa realizada por Lucélia Canassa e defendida em 2018, com o recorte para as investigações das relações entre pais e filhos, sob o escopo das masculinidades, me despertou para a riqueza e para a multiplicidade de perspectivas com que o universo masculino era abordado pelo autor. Além do foco sobre a paternidade e sobre a infância dos meninos, os relacionamentos entre homens e mulheres, o lugar do amor e de outros afetos nas experiências masculinas, questões como virilidade, desempenho, honra e sexualidade, e o autocontrole da expressão das emoções; tudo era muito vivo e solicitava atenção nos contos de Vilela. O material era tão abundante que resolvi me restringir aos dois primeiros livros de contos publicados pelo autor: *Tremor de terra* e *No bar*, surgidos ainda nos anos 1960. A data de publicação guardava ainda algumas conveniências: primeiro, o exame estaria concentrado naqueles volumes que constituem, ao lado de *Tarde da noite*, lançado em 1970, um conjunto que reúne, na minha avaliação, o melhor de Luiz Vilela; porém, mais importante e menos subjetivo do que esse primeiro fator, é a oportunidade de traçar um perfil das masculinidades em um momento que antecede o debate teórico – que ganhou mais força nas duas últimas décadas do século XX e desponta como assunto pulsante nos dias atuais – e um estágio avançado da reconfiguração social de identidades masculinas e femininas, impulsionada pelas críticas e práticas feministas.

Curiosamente, ficaram de fora do artigo anterior (SIMON, 2019) sobre Luiz Vilela os contos que trazem a temática homossexual. Houve e não houve coincidência em torno dessa exclusão. Pode-se afirmar que não houve, porque, como já foi argumentado aqui, os materiais analisados nos livros do autor eram fartos, e não havia espaço suficiente para, dentro dos limites de um artigo, explorar diversidade tão grande de situações relacionadas às experiências masculinas. Deve-se, contudo, admitir a coincidência, pois em ambos os casos desconfiava de que os contos exigiriam grande habilidade – o que espero ter aqui – e que seria recomendável que a análise estivesse combinada com um aparato teórico mais específico – que ainda não tenho plenamente.

De qualquer modo, adianto que minha perspectiva aqui não é a da avaliação da representação de homens homossexuais, algo que um pesquisador como Anselmo Peres Alós executa muito bem, embora ele mesmo se queixe de um diminuto número de estudos publicados sobre a interface literatura e homossexualidade, “se comparados, por exemplo, à enorme produção acadêmica na área da crítica literária de cunho feminista e dos estudos de gênero” (ALÓS, 2012, p. 30). A análise que empreendo pretende se ocupar da representação de como homens supostamente ou claramente heterossexuais veem homens homossexuais, interagem e convivem com eles. Assim, também aqui, embora o foco sofra um ligeiro deslocamento em relação ao propósito de Alós em sua tese, há o interesse em avaliar a viabilidade de uma “poética que oferece resistência às premissas heteronormativas” (ALÓS, 2012, p. 35). Tal perspectiva a princípio explica o fato de que o diálogo entre análise e teoria ao qual me proponho aqui é construído com base em reflexões sobre as masculinidades em geral e não tão especificamente de exercícios teóricos e críticos que centralizam questões do universo gay. Contribui, ainda, para a adoção dessa perspectiva o fato de que os contos selecionados – “Meu amigo” e “Olhos verdes”, de Luiz Vilela – são narrados em primeira pessoa. Ainda que haja destaque para as personagens homossexuais nas referidas narrativas, os focos em ambas recaem sobre esses narradores-personagens, proporcionando, inclusive, a análise de uma situação peculiar no âmbito das discussões sobre masculinidades. Enfim, procura-se examinar nesses contos, mais do que como os gays são representados – o que obviamente possui grande relevância e também se faz

em alguns estudos recentes –, como são representados os contatos e as relações com os gays, sob as perspectivas de personagens que não se identificam como gays.

O conto “Meu amigo”, incluído em *Tremor de terra*, apresenta uma narrativa em retrospectiva. Em primeira pessoa, o narrador retoma episódios de sua vida de estudante aos quinze anos recém-chegado à capital. O início do conto é marcado pelo sentimento de deslocamento: o jovem tem dificuldades para se ambientar na cidade grande, tão diferente dos espaços conhecidos na cidade do interior; sofre para se adaptar à escola, aos colegas e aos professores; e, mesmo na pensão, a solidão vence as menores expectativas de acolhimento. Assim, a transferência de cidade e suas conseqüências, como a distância da família, somam-se aos dilemas típicos da adolescência para amplificar os problemas experimentados pelo narrador-personagem. A narrativa, porém, evolui rapidamente para a ambientação que indica um oásis, um local mais acolhedor do que os demais espaços urbanos: a biblioteca pública. Apesar da solidão que persistia, do mobiliário antigo e do cheiro de mofo, era o lugar ideal para “fugir à noite do medo e da tristeza” (VILELA, 1977, p. 104). É significativo que seja justamente nesse local caracterizado pelo silêncio e por pouca interação social e frequentado por um público adulto que o narrador-personagem vai se sentir mais à vontade. Nota-se no menino uma predisposição para se identificar com espaços e situações menos convencionais do que seriam aqueles previsíveis para sua idade.

É nesse lugar que entra em cena o bibliotecário, descrito já no primeiro momento como “atencioso”, “delicado” e “gentil”. (VILELA, 1977, p. 104). Não demora a acontecer uma aproximação entre ambos que progride da indicação de leituras, de breves manifestações de agradecimento e de tímidos olhares e sorrisos para conversas apenas um pouco mais longas, como a que se reproduz a seguir, por intermédio do discurso indireto: “Ele me contou que também era do interior. Morara muito tempo em fazenda e também tinha saudades de lá. Também não gostava da capital. Eu disse-lhe que odiava a capital. Ele disse que também, também ele era assim: odiava. E eu percebi que também ele se sentia só.” (VILELA, 1977, p. 105). É inevitável perceber no trecho curto o emprego certamente deliberado da palavra “também”, presente seis vezes. O uso atesta a descoberta da afinidade entre ambos, apesar da diferença de idade, permitindo que tanto o bibliotecário quanto o estudante se disponham mais a falar e a

ouvir. Reconhecer a afinidade significava, portanto, amenizar a solidão que os perturbava e liberar-se para expor sentimentos e acontecimentos. O bibliotecário, então, narra ao estudante o episódio dos pombos brancos criados por ele na fazenda. São fornecidos detalhes sobre o contato com os pombos, sobre a contemplação e os sentimentos despertados pelo voo das aves, que são também associadas com a inocência. O episódio tem um desfecho abrupto, pois o bibliotecário revela que os pombos morreram e em seguida confessa que ele mesmo os matou, mas interrompe o relato sem justificar o ato, gerando grande inquietação e estranhamento no estudante. Embora os questionamentos do estudante sobre o destino dos pombos continuassem sem resposta, o convívio com o bibliotecário persiste. O narrador exprime a consciência de que a relação entre ambos os alçava à condição de confidentes: “Eu era a pessoa a quem ele podia falar dos pombos. Eu era um amigo para ele. E ele também era meu amigo: meu único amigo na cidade em que ele também se sentia solitário e que ele também odiava. Éramos iguais e estávamos juntos na ilha.” (VILELA, 1977, p. 110). As diferenças experimentadas por ambos em seus respectivos relacionamentos sociais tornam mais angustiante a sobrevivência de cada um nos espaços percorridos: escola, pensão, biblioteca, enfim, cidade. Ainda que as dificuldades de cada um tenham naturezas não necessariamente iguais, é de se esperar que a sensação de deslocamento os aproxime, sobretudo sob a perspectiva retomada pelo narrador: a de um adolescente.

Essa constatação da afinidade profunda entre estudante e bibliotecário pressupõe, assim, uma solidariedade que será, contudo, desafiada logo após a confissão dos sentimentos compartilhados por ambos. O estudante descobre por um colega da escola que sua amizade com o bibliotecário era objeto de intrigas e maledicências. O motivo era a homossexualidade de Fernando. O bibliotecário, afinal, tinha um nome; aliás, tinha também, no ambiente escolar, apelidos carregados do preconceito: Nandinho e Nanando. Não era à toa que nome, apelidos e orientação sexual da personagem são guardados para a penúltima página do conto. Além das estratégias narrativas – a tensão maior comparece à medida que o desfecho se aproxima –, é nesse momento que o adolescente se defronta, de vez, com as forças sociais representadas pelos colegas da escola. Criar um vínculo de amizade com o bibliotecário homossexual significava não aderir à rede de rejeição sistemática que se devia ostentar diante

daquela orientação sexual. Corresponhia a compactuar com aquela identidade condenada, a ser igualmente homossexual. Aquela amizade passa a constituir, portanto, um acinte aos padrões sociais heteronormativos. O que estava ali em curso é uma prática que Connell descreve como vigilância informal que age sobre homens e meninos heterossexuais, para afastá-los da homossexualidade. (CONNELL, 2000, p. 102). No conto, os colegas da escola percebem a aproximação e iniciam os rumores. Como o protagonista permanece alheio a eles, acaba sendo avisado por um dos colegas. Ao bibliotecário estavam destinados a discriminação, o isolamento, a solidão, a marginalização. Aceitar que ele conversasse com um estudante adolescente e que eles construíssem uma amizade seria algo inadmissível. Muito mais fácil era transformar tudo em comentários irônicos e estender a orientação sexual tão condenada também para o menino, visto, então, como cúmplice.

A perturbação produzida no estudante por todas essas revelações é devastadora. O primeiro parágrafo após o traumático encontro com o colega flagra a enorme aflição: “Veado. Eu não podia parar de pensar: veado. Nandinho. Nanando. Você não sabia que ele é veado? Minha cabeça girava: veado. [...] e meus lábios repetiam: veado. Veado. Veado.” (VILELA, 1977, p. 110). A cabeça girava pensando em quem? No amigo? Nele mesmo? Nos colegas que começavam a estigmatizá-lo? Quem era o veado? Quais eram as consequências de ser veado? Afinal, por que cabia repetir tantas vezes o termo? O que estava em jogo era ser veado ou sofrer o estigma de ser veado? E por que pensar nos apelidos pejorativos com que os colegas se referiam ao bibliotecário, se a relação mantida com ele até então era baseada no respeito e na identificação? Seria, no mínimo, questionável enveredar por um caminho de investigar a orientação sexual do estudante. De qualquer modo, o estigma da homossexualidade constitui certamente um grande problema. Tamagne adverte que no âmbito do medo da homossexualidade, sobressai o “medo também de ser tomado por um homossexual” (TAMAGNE, 2013, p. 442). Esse fantasma ronda os pensamentos do estudante a partir do encontro com o colega da escola. As pressões heteronormativas não deixam que isso seja ignorado, especialmente quando o homem exposto a elas ainda é um menino, um adolescente. Cabe pensar ainda em questão relevante para a situação enfrentada: como esse adolescente, aos quinze anos, não teria ainda ouvido os comentários ruidosos acerca do bibliotecário ou como ele não teria desconfiado da possibilidade de que o

então amigo fosse homossexual? Não ouvir pode estar muito próximo de não querer ouvir; assim como não desconfiar pode ter suas semelhanças com não querer desconfiar. Em ambos os casos, o que prevalece é a inclinação para exaltar outros valores que não se adequavam a determinados padrões de masculinidade, ou que não se deixavam suplantar por esses modelos convencionais. Em outros termos, é possível que, até a conversa com o colega, não interessasse ao estudante qual era a orientação sexual do bibliotecário. Ao mesmo tempo, as afinidades entre ambos eram prezadas.

Após as revelações, porém, o menino perde a inocência e tem seu ingresso forçado e acelerado no universo masculino. As idas à biblioteca são sumariamente suspensas, e, mesmo na rua, o estudante chega até a se esconder do bibliotecário, evitando o que seria um encontro casual. Na escola, o adolescente recorre à força física para enfrentar o colega que provocou e questionou sua macheza. Na briga, a raiva do protagonista é tanta e os golpes tão violentos quanto a necessidade de convencer: a masculinidade está devidamente comprovada. Como observa Kimmel: “A masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada mais uma vez” (KIMMEL, 1998, p. 111). Não bastou, portanto, deixar de ir à biblioteca; era necessário empregar a força física e a violência para reafirmar a masculinidade no espaço escolar.

Depois de abandonar a biblioteca, o bibliotecário também começa a ser progressivamente esquecido. Em ocasionais conjecturas, o estudante recupera o episódio dos pombos, mas as dúvidas que o cercavam ganham novo matiz: “Seria alguma coisa relacionada à sua anormalidade? Ou teria inventado aquilo tudo só para ficar conversando comigo? [...] Podia também ter inventado aquela história toda e os pombos nunca terem existido.” (VILELA, 1977, p. 110). A inquietação sobre o que o teria levado a matar os pombos agora é acompanhada da pecha da anormalidade –, resgatando, inclusive, uma terminologia típica do século XIX, segundo Weeks (2018, p. 76) –, da suspeita de intenções perversas desencadeada unicamente pela informação que circulava a respeito da orientação sexual do bibliotecário. (É curioso que em momento algum do conto surge no narrador qualquer dúvida que o leve a investigar se, de fato, o bibliotecário era homossexual; assim, bastou que os comentários circulassem para os rumores serem considerados verdade absoluta, para os contatos

cessarem radicalmente e aquela pessoa vista a princípio como delicado e gentil, depois como amigo, passar a ser considerada anormal).

Quando ocorre o reencontro, dois anos já haviam se passado. A passagem do tempo é suficiente para o estudante demorar a reconhecê-lo, embora seja pouco para a aversão diminuir, pois ele manifesta vontade de fugir e se nega a aproximar-se da mesa daquele que antes fora tomado por amigo: “Tinha ido tomar uma vitamina e fiquei em pé, no balcão. Quis tomar depressa e ir embora, mas pensei: diabo, vou ficar a vida inteira fugindo desse sujeito? por quê? quê que ele me fez? não me fez nada. Se ele quisesse conversar comigo que viesse.” (VILELA, 1977, p. 112). O trecho é importante porque aponta para o impulso da fuga e para a pressa, mas em seguida abre a ponderação de que afinal ele não tinha feito nada. É como se o estudante recuasse de seu estágio de permanente hostilidade ao bibliotecário, operando um processo em si mesmo de descriminalizar a homossexualidade. Já não persiste a intolerância radical que o acometeu após as revelações dos colegas e bloqueava qualquer possibilidade de contato, de relação entre pessoas com orientações sexuais diferentes. Antes mesmo do início da conversa entre ambos, percebem-se ambiguidades nas ações e nas reações do estudante. A dificuldade de reconhecer o bibliotecário é um exemplo. O narrador a justifica com o argumento de que Fernando teria envelhecido muito em apenas dois anos: esse envelhecimento teria mesmo ocorrido, consequência talvez do desencanto, do afastamento do estudante, de uma depressão, ou foi assim interpretado pelo estudante que via anteriormente no amigo uma jovialidade, sob uma ótica muito diferente no passado? Também o início da breve conversa é sintomático da ambivalência que cercava aquele encontro imprevisto: “Foi como na biblioteca; se eu tivesse olhado para ele, ele teria continuado e ido embora. Eu olhei: ‘Está bom?’, eu disse. Ele respondeu.” (VILELA, 1977, p. 112). Se havia um impulso para fugir daquele contato, coube justamente ao estudante a iniciativa de dirigir ao outro a primeira pergunta, ainda que essa fosse lacônica ou protocolar.

De qualquer modo, é a partir dessa fala que o contato é restabelecido, mostrando que a revolta do menino não havia suprimido completamente sua sensibilidade e sugerindo ainda que ambos tenham sido subitamente transportados para o “tempo da biblioteca”. A despeito do embaraço e da perturbação de ambos, a conversa permite que o bibliotecário lamente o sumiço do estudante, faça comentários

sobre seu crescimento e revele seu desligamento da biblioteca, assim como a decisão de voltar para o interior. Antes da despedida, resta tempo também para comunicar sobre o plano de retomar a criação de pombos.

O conto “Olhos verdes” apresenta características muito diferentes das que compõem o conto “Meu amigo”. O texto é muito mais curto: cerca de 1000 palavras em apenas três páginas, enquanto “Meu amigo” é aproximadamente três vezes maior. Se o conto já analisado compreende um período de tempo mais longo, com a passagem de dois anos, e se espalha por múltiplos espaços físicos – como escola, pensão, biblioteca, as ruas e o bar –, em “Olhos verdes” há um recorte mais enxuto: são cerca de trinta minutos em um espaço único e restrito, a barbearia. Há diferenças também na fabulação. O primeiro conto traz o relato de uma amizade – ou o que se julgou em certo momento uma amizade – entre o estudante e o bibliotecário, com apenas um episódio de toque físico, sem maiores desdobramentos: “Pôs a mão na minha cabeça e deu uma leve sacudida: ‘Um menino...’ Esse gesto súbito de ternura me deixou um pouco embaraçado e eu olhei para o livro aberto na mesa. Ele percebeu e tirou a mão.” (VILELA, 1977, p. 105). O segundo é marcado pelo contato breve e superficial entre o barbeiro e seu cliente, que se encontram pela primeira vez para o corte de cabelo daquele que estava apenas de passagem por aquela cidade do interior. Pela natureza da situação narrada, porém, o contato físico ocorre desde as primeiras frases: “Ao estender sobre mim o avental, vi suas unhas esmaltadas. Senti-as na nuca quando ele enfiou os dedos atrás, no colarinho, para firmar a dobra.” (VILELA, 1984, p. 40). Cabe reiterar que nos dois contos o narrador está em primeira pessoa, e é essa perspectiva de um narrador-personagem supostamente heterossexual que se emprega para apresentar as cenas e as demais personagens, inclusive aquelas que ganham projeção e são identificadas como homossexuais: o bibliotecário e o barbeiro.

Além dos perturbadores olhos verdes que intitulam o texto e das unhas pintadas, há no conto alguns indícios de afeminação do barbeiro, como o desenho a lápis na parede da barbearia de um coração trespassado por uma flecha e o envelope cor-de-rosa da carta enviada pelo amigo carioca do barbeiro, com um ramalhete no canto. A suposição, logo confirmada, de que o cliente é um “forasteiro”, acrescida da informação de que ele, depois de três dias lá, seguiria para o Rio de Janeiro abre oportunidades para que o barbeiro discorra sobre o seu desgosto com a cidade onde

trabalhava e sua paixão pela vida carioca: “Aquilo sim, é que era vida. Um povo alegre, sem preconceitos.” (VILELA, 1984, p. 41). Pode-se afirmar que a condição de forasteiro do cliente dá maior ânimo ao barbeiro para se expor mais, sem se reprimir tanto, seja pelo temor de uma possível censura de seus conterrâneos seja pela aposta na tolerância mais elástica daquele que estava ali apenas temporariamente e que, além disso, ainda seguiria viagem para o Rio de Janeiro, terra tão maravilhosa, na opinião daquele profissional. O “forasteiro” poderia ser caracterizado, assim, como alguém mais próximo ou identificado com um “modelo de socialização alternativa para os gays”, abordado por Tamagne, como uma das formas típicas dos anos 1960 e 1970 de integração de homossexuais em grandes cidades (TAMAGNE, 2013, p. 447). Não pertencer àquele lugar já representava a expectativa de uma escuta menos hostil.

O barbeiro também insiste para que seu cliente fique hospedado no hotel onde ele morava. Embora o viajante tenha declarado logo no primeiro momento que já definido o hotel e que estava satisfeito lá, o barbeiro repete as vantagens da outra opção, enfatizando qualidades como conforto e asseio, e ainda passa ao cliente o endereço anotado num pedaço de papel. Assim, a insistência com o hotel se alterna com os elogios à animação das noites cariocas e com as críticas ao tédio e à sujeira e a falta de opções de diversão na própria cidade. Enquanto isso, o cliente se mantém discreto, com poucas e breves respostas às indagações do barbeiro, e muita observação. O trecho a seguir representa esse comedimento que parece ser uma estratégia para não estimular o caráter expansivo nem eventuais transbordamentos do barbeiro: “Eu baixava os olhos quando ele me chamava de senhor: era mais velho do que eu, devia ter uns trinta anos. Eu olhava para os vidros de loção na prateleirinha da parede: para não ver seus olhos verdes.” (VILELA, 1984, p. 41). É como se o cliente defendesse uma distância: a distância corresponde ao desejo de afirmar a diferença nas orientações sexuais, de querer deixar evidente a não-coincidência das sexualidades, de querer ressaltar sua própria condição heterossexual diante da manifestação empolgada em grande sintonia com um perfil gay. O ato de baixar os próprios olhos e de evitar os olhos verdes remete a um incômodo, mas também a um medo: o medo de encarar o barbeiro.

Pensar nessa passagem sob a ótica dos estudos das masculinidades é bastante interessante: não seria o cliente, aquele identificado com a heterossexualidade, quem teria de mostrar a coragem, típica de sua masculinidade inequívoca, para enfrentar os

olhos ou os olhares de um homossexual, portador de uma masculinidade mais frágil, diminuída, desvalorizada? Não é isso, porém, o que acontece. João Silvério Trevisan, em longo artigo sobre a homossexualidade, discorre em determinado momento sobre experiências na Califórnia dos anos 1970. Uma de suas frases para apresentar aquele contexto cabe aqui como interpretação do mal-estar da personagem: “Os homens já não se sentiam tão seguros de suas verdades eternas.” (TREVISAN, 1997, p. 73). O cliente se vê acuado e, como narrador, não se abstém de registrar o autêntico duelo de olhares, marcado pelo fascínio que exercem os olhos verdes, como se pode observar no poético fragmento a seguir: “Os olhos verdes existiam fora dele: enquanto ele falava, gesticulava, cortava o cabelo com a tesoura, eles estavam lá no espelho, silenciosos, atentos, e acesos como olhos de gato parado na escuridão. Eu olhava para suas costeletas, para meu próprio rosto, para o avental, para os pés, para o chão, sabendo que eles estavam lá, à minha espera.” (VILELA, 1984, p. 41-42). O poder dos olhos verdes, associado com imagens de mistério, move mais uma vez os olhos do cliente para diversas direções, inclusive para os pés e para o chão, dando ares de derrota naquele duelo. O narrador admite essa perturbação, mas resiste a essa captura, sem declarar explicitamente que está subjugado.

Pode-se mesmo estabelecer conexão entre esse estado de perturbação e aquilo que Todd Reeser denomina “ameaça homoerótica” (REESER, 2010, p. 58), um sentimento muito próximo do medo ou da ansiedade despertado pela intimidade física ou emocional com outros homens. Ainda que não haja registro de outras pessoas na barbearia, os problemas desencadeados por essa ameaça poderiam ser ali mesmo flagrados pelo barbeiro e no íntimo do cliente, constrangido com toda a cena. A condição de acuado é, gradativamente, mais nítida. Tanto que as menções aos olhos do barbeiro tornam-se mais frequentes a partir da metade final da última página do conto. É como se o narrador não conseguisse mais se desvencilhar de aludir aos olhos verdes. Narrar a cena da barbearia transformava-se em interpretar os significados daqueles olhos: “os olhos verdes suplicavam”; “talvez nesse instante os olhos verdes tenham chorado; mas eles não estavam no espelho, e quando apareceram lá de novo, eram os de antes: ainda havia esperança.”; “seus olhos loucos” (VILELA, 1984, p. 42). Depois da súplica, do choro e da esperança, os olhos parecem atingir o ápice, quando são apresentados como loucos.

Como resposta imediata a essa nova peculiaridade dos olhos – uma loucura que talvez ameaçasse a sanidade do cliente –, ele manifesta a necessidade de reagir: “Estendi o braço para fora do avental e olhei as horas. Ele não tornou a falar: os olhos apagaram.” (VILELA, 1984, p. 42). A cena pode sugerir uma reviravolta no duelo, pois o cliente apressa o fim do serviço, expressando certa impaciência, e, afinal, os olhos do barbeiro apagam. Entretanto, no último parágrafo, a esperança, que já se manifestara por intermédio dos olhos, reaparece agora com mais uma argumentação a favor do hotel em que ele morava. Nessa nova propaganda, o hotel ganhava, enfim, uma virtude diferente do conforto e do asseio: a discrição; a mesma discrição ostentada pelo cliente durante o corte de cabelo e capturada pelos olhos do barbeiro.

As sutilezas dos contos de Luiz Vilela são grandes armadilhas para a interpretação. Pode-se ler “Olhos verdes” como a reprodução de um assédio? Acredito que sim, embora eu não arriscaria impor essa leitura, até por considerar que ela levaria a negligenciar importantes qualidades da narrativa, dentre elas as próprias sutilezas que podem ser localizadas nos gestos contidos, nas frases breves, nos olhares cautelosos. De qualquer modo, o encontro na barbearia representa um exemplo instigante do que pode ser esse contato entre homens heterossexuais e homens homossexuais. Em grande parte da narrativa, são as iniciativas do barbeiro, que assume a fala e ainda se arma com olhos poderosos, que se encorpam como um modelo de masculinidade que não é definitivamente visto como o mais prestigiado. O cliente, aparentemente sem se identificar com esse modelo, se vê acossado pelo volume de manifestações desvirilizadas, expostas, porém, com muito fôlego. Ainda que haja certo atrito na relação entre ambos, impedindo que a empatia flua entre o representante heterossexual e o representante homossexual, a discrição do cliente prepondera sobre o que poderia vir a ser uma resposta mais rude, intolerante, ou mesmo violenta. Um pouco além disso, sobressai ainda a força que é atribuída à performance gay, sintetizada pelo magnetismo dos olhos verdes do barbeiro. É fundamental lembrarmos que é o narrador quem se encarrega de compor essa figura ímpar, sem recorrer às habituais desqualificações com que os homens homossexuais são retratados na lógica da heterossexualidade normativa.

Considerações Finais

Antes de fazer breves considerações em seu artigo sobre as relações entre homens no ambiente carcerário, o sociólogo Daniel Welzer-Lang faz um importante alerta para as pesquisas debruçadas sobre gêneros e sexualidades: “O estudo concreto dos homens e do masculino mostra que os homens estão longe de ser um grupo ou uma classe homogênea, e que o que faz deles um grupo social [...] não é suficiente para dar conta das relações entre eles.” (WELZER-LANG, 2002, p. 117). A ideia de heterogeneidade na composição dos homens é fundamental para que as questões aqui exploradas provoquem discussões produtivas sobre rumos das masculinidades. Não se pode esperar, muito menos desejar, que um autor que escreve dos anos 1960 para cá construa um modelo masculino uniforme e previsível, mesmo diante de situações complexas como as relações entre heterossexuais e homossexuais. De fato, entre as personagens heterossexuais que desempenham a função de narradores nos contos selecionados, há variações significativas: um é adolescente, em “Meu amigo”; e o outro é um jovem adulto, em “Olhos verdes”. Além da idade, há diferenças entre eles: se o estudante de “Meu amigo”, em grande parte do conto, mantém a inocência e descobre muitas afinidades com o bibliotecário até o momento de ter notícia da homossexualidade do amigo, o narrador-personagem de “Olhos verdes”, diante do barbeiro, revela seu espanto, seu mal-estar concentrado no brevíssimo período de tempo do corte de cabelo. Em ambos os contos, as adversidades atravessam as relações entre heterossexuais e homossexuais. O menino de “Meu amigo” interrompe sua amizade com o bibliotecário de modo tão brusco que nem mesmo o reencontro dois anos depois indica plena reaproximação. E o cliente de “Olhos verdes”, além de manter um silêncio verbal nas interações com o barbeiro, foge também dos olhos e das trocas de olhares, comprometendo tanto a comunicação mínima quanto as perspectivas de sociabilidade.

Os contos apresentam, contudo, algumas aberturas para que se exercitem o debate e a redefinição dos contatos entre heterossexuais e homossexuais. Retomando as propostas de Anselmo Peres Alós, acredito que também nas narrativas aqui abordadas exista “uma nova possibilidade de se vivenciar a relação com o outro e com o diferente”. (ALÓS, 2012, p. 40). E penso, ainda, que nossos papéis de professores,

pesquisadores, críticos, intelectuais, ou apenas de leitores devem se pautar pela perseguição dessas novas possibilidades sempre que elas representarem crescimento, com respeito e dignidade, e superação de preconceitos. O conto “Meu amigo” expõe um adolescente como narrador-personagem. Essa condição significa uma transitoriedade na narrativa. No conto de Vilela, é possível reconhecer três fases: a primeira fixa o contato entre o estudante e o bibliotecário; a segunda remete aos comentários sobre o bibliotecário e seus efeitos e consequências sobre o adolescente; e a terceira focaliza o reencontro no bar. A rigor, a segunda fase destoa das demais, pois a revolta do menino é exacerbada e tem grande contraste com a identificação de afinidades construída na primeira fase. E mesmo na terceira fase, o impulso de fugir do bar cede lugar rapidamente a um cumprimento e à constatação de que o bibliotecário não lhe causara qualquer mal. As fases, em seu conjunto, representam, enfim, a acumulação de experiências. Em “Olhos verdes”, a extravagância do barbeiro coexiste com suas expectativas de alegria, de prazer e de libertação de preconceitos, valores que em si não constituem – ou não deveriam constituir – grandes motivos para contestação, uma vez que o freguês era alguém de fora daquele círculo tacanho. Há, no conto, uma espécie de inversão de papéis: os gestos, os olhares e o discurso do barbeiro se avolumam e acuam o cliente, fazendo com que momentaneamente o homossexual exerça uma espécie de poder sobre o heterossexual. A este, resta manter sua discrição e acompanhar todo aquele extravasamento gay como uma manifestação que precisa ser ouvida, sem os recursos da intolerância, da violência ou da repressão. São os perigos e ameaças que constituem esses recursos, estejam eles dentro ou fora de nós, latentes ou mesmo ostensivos, que não podemos desconhecer nem minimizar. É a análise dessas questões que deve nos levar a descobrir, por meio da leitura e da releitura de textos, formas de consolidar masculinidades que agitem o imaginário de homens e mulheres, meninas e meninos, independentemente de suas orientações sexuais.

Referências

ALÓS, A. P. Peres. *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*. Florianópolis: Mulheres, 2012.

CANASSA, L. Representações das masculinidades através das relações entre pais e filhos nos contos de Luiz Vilela. Dissertação de Mestrado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W. *The men and the boys*. Berkeley: University of California Press, 2000.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*. 1998.

REESER, T. W. *Masculinities in theory: an introduction*. West Sussex; Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

SIMON, L. C. Primeiros t(r)emores de Luiz Vilela: masculinidades em contos de *Tremor de terra* e *No bar*. In: RODRIGUES, Rauer Ribeiro; SOUZA, Eunice Prudenciano de; FRANJOTTI, Ronaldo Vinagre. (Orgs.). *Literatura e vida 3 – Luiz Vilela*. Uberlândia: Pangeia, 2019.

TAMAGNE, F. Mutações homossexuais. In: COURTINE, Jean-Jacques. (Org.) *História da virilidade: a virilidade em crise?* Vol. 3. Trad. N. C. de Melo e T. A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

TREVISAN, J. S. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*, 1997.

VILELA, L. *Tremor de terra*. São Paulo: Ática, 1977.

VILELA, L. *No bar*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.

VILELA, L. *Tarde da noite*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz T. da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações de sexo. In: SCHPUN, Mônica R. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.